

## A (re)construção da italianidade: A Festa Italiana da cidade de Ipumirim

Alan de Hollanda Vieira Guerner<sup>1</sup>

Talita Von Gilsa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo traçar um panorama da migração italiana para o Oeste catarinense, buscando verificar costumes e tradições que foram trazidas para a região e como essas questões são datadas culturalmente em relação à criação de uma identidade entre os descendentes de italianos e a população em geral. Serão utilizadas para a análise algumas informações sobre a “Festa Italiana de Ipumirim” contidas em páginas virtuais.

**Palavras-chave:** Oeste catarinense, Migração, Identidade, Festa Italiana de Ipumirim.

**Abstract:** This paper has like objective to trace a panorama of Italian migration for the West of Santa Catarina, searching for the verify the customs and traditions that were bought for this region and how these questions are actually treated in relationship with the creation of a identity between Italian posterity and the population in general. In this analysis will be utilized some information about the “Festa Italiana de Ipumirim” contained in virtual pages.

**Key-words:** West of Santa Catarina, Migration, Identity, Festa Italiana de Ipumirim.

### Introdução

A cultura italiana é muito presente no estado de Santa Catarina, principalmente no Oeste catarinense, onde muitos municípios foram colonizados por italianos ou descendentes; e também, grande parte dos municípios tem como uma de suas constituintes a etnia italiana. Existem, na região, muitas festas que propõem o “resgate” ou a “manutenção” dessa cultura dos imigrantes italianos e descendentes. O artigo em questão busca compreender como são vistas atualmente (em especial na festa “típica” italiana da cidade de Ipumirim), os costumes e tradições praticados, sendo estes, hora tidos como práticas inalteradas pelo tempo; ou então, tidos como “resgatados” da época da vinda dos imigrantes para a “colonização” do Oeste.

Inicialmente, tentaremos compreender com base em alguns autores, conceitos-chaves para o estudo sobre costumes e tradições e a sua função política e social para a sociedade. Após esse momento, contextualizaremos temporalmente e geograficamente, o que seria esta cultura italiana, levando em conta todo o processo de transformações da cultura até chegar em

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (Pibid – História). Email: [alanguerner92@hotmail.com](mailto:alanguerner92@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET – História). Email: [talita.vongilsa@gmail.com](mailto:talita.vongilsa@gmail.com)



Santa Catarina, que se constitui em uma complexa e longa jornada de adaptações e readaptações.

Dado esse pequeno esboço teórico e contextual, entraremos no tema principal deste artigo, que consiste em como são vistas estas representações culturais e qual é o seu papel dentro da sociedade. Para essa análise utilizaremos como objeto de estudo, algumas páginas de internet que descrevem e abordam informações sobre a Festa Italiana da cidade de Ipumirim, município de Santa Catarina que é composto majoritariamente por descendentes de italianos.

### **Como analisar a italianidade atualmente**

É importante destacar, de acordo com Severino, a questão da problematização das matrizes identitárias da cultura italiana, que são publicadas e anunciadas em eventos, pois muitas vezes, a criação de categorias que identificam um grupo são incompatíveis com as significações a ele pertencentes, e se dão devido a uma necessidade do contexto, de criação de algo identitário de um povo ou da promoção do turismo, como um exemplo<sup>3</sup>.

Severino aponta que, a partir do ano de 1975, foi crescente a iniciativa da identificação das origens dos povos imigrantes em algumas comunidades de descendentes. Essa iniciativa foi motivada pela conjuntura brasileira pós-1975, com crises, inflação, baixa perspectiva de trabalho e econômica, devido a uma preocupação identitária, algo que ocorre devido a confrontos locais ou de âmbito mais global, e devido à preocupação com o turismo nessas áreas do Estado. E também, é nesse contexto que países como Itália, Portugal, e Espanha passam a fazer parte da União Europeia, e entram no Mercado Comum Europeu<sup>4</sup>.

Na segunda metade da década de 1970 também se comemora o centenário da imigração italiana para o Brasil, nesse momento, há o aumento do contato entre cidades como Trento (Itália) e Nova Trento (Brasil), e foram erguidos monumentos que representam a imigração italiana nessa cidade do Estado, livros sobre o tema também foram editados, com a intenção de criar a ideia de pertencimento àquela origem. Os descendentes desses imigrantes então perceberam que a identificação de uma origem poderia configurar um capital simbólico significativo, e poderia também ser uma saída econômica ou uma estratégia social.

<sup>3</sup> SEVERINO, José Roberto. “A italianidade nas comemorações do centenário da imigração italiana (1875-1975): algumas considerações”. In: *ANPUH - XXII Encontro Nacional de História*. João Pessoa, 2003. pp. 1-4.

<sup>4</sup> Idem.



Assegurados em sua noção de origem, essas entidades e organizações criaram novas práticas culturais, possibilitando o ensino do idioma, aumentando o número de adeptos, afirmando nesse cenário cultural um jeito de ser italiano<sup>5</sup>.

O autor José Roberto Severino também aponta para a questão das entidades de descendentes de italianos em Santa Catarina, a emergência destas, o número de membros das mesmas e o tempo de duração das que já não existem mais; foi levantado também a respeito das relações e conflitos entre as agências consulares e essas entidades bem como suas realizações. Um dos apontamentos se deu a respeito da língua italiana, que é ensinada nas escolas, significando o “resgate” dessa cultura, mas, infelizmente, não são ensinados os dialetos, que são correntemente presentes nas conversas em família<sup>6</sup>.

No entanto, não podemos massificar as intenções dessas manifestações culturais aqui abordadas, pois nem sempre os objetivos primordiais destes eventos e dessas práticas culturais são o de simples *marketing*. A complexidade das transmissões de germanidade, açorianidade, ou italianidade presentes em comunidades culturalmente descendentes destas são muito mais do que cascas de tradições vazias, que tem como principais objetivos a busca do lucro que elas podem proporcionar ou do prestígio que pode trazer. De fato, quando se estuda tais representatividades culturais deve-se sempre ter em mente que quase todas estas tradições tidas como seculares e que são sobreviventes de uma longa jornada (geográfica e histórica), se observadas com mais atenção, não são tão seculares assim, e sua sobrevivência sem inalterações não se dá bem dessa forma, ou até mesmo podemos perceber uma construção quase que artificial de uma “tradição italiana ou germânica”, que, muitas vezes, não existiu nem na própria localidade de origem<sup>7</sup>.

Mesmo assim, seria errado falarmos que estas tradições construídas servem somente para o acúmulo de riquezas e propaganda turística, muitas vezes elas são utilizadas com outros objetivos, alguns mais nebulosos, outros menos, devendo-se considerar sempre os aspectos políticos, econômicos, e de identidade; e até mesmo, o uso destas 'tradições seculares' e a percepção sobre o que elas são, dependem muito de quem está praticando-as. E

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> SEVERINO, José Roberto. “A italianidade nas comemorações do centenário da imigração italiana (1875-1975): algumas considerações”. In: *ANPUH - XXII Encontro Nacional de História*. João Pessoa, 2003. pp. 1-4.

<sup>7</sup> HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. (orgs.) *A invenção das Tradições*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

por isso, de certa forma, seria um grave erro generalizar, dando uma ou mais funcionalidades para este tipo de tradição<sup>8</sup>.

### **Primeira e segunda imigração em Santa Catarina**

Como uma das mais importantes características das sociedades europeias do século XIX, podemos destacar que o mundo camponês representava oitenta por cento da população, tendo em vista esta porcentagem como um fator importante para compreender a situação de dificuldade vivenciada pelos camponeses naquele contexto. Em um cenário em que a população sofria para sobreviver nas limitações de terra impostas pela nobreza e por setores da Igreja, muitos dos camponeses se viam impossibilitados de deixarem o campo, pois lá estavam enraizados e os nobres também entendiam que esses moradores do campo pertenciam à terra, como parte da propriedade; eram submetidos, nesse contexto social, à violência, à fome, e ainda tinham de pagar altos impostos para permanecerem nas terras.

Exigências tributárias eram cobradas na Itália, onde “a ganância fiscal depois da Unificação (1870) era tal que entre 1873 e 1881, nada menos que 61.831 pequenas propriedades foram tomadas pelos fisco por falta de pagamento de impostos, que muitas vezes não iam além de umas poucas libras: entre 1884 e 1901, o número de propriedades perdidas pelos *contadini* por impossibilidade de pagar impostos se elevou a 215.759 (...) Todo esse complicado processo era agravado pela crise agrícola que se abateu sobre toda a Europa a partir de 1880...”<sup>9</sup>.

Com esse processo, em que as terras foram reduzidas por dívidas, chegando ao ponto de não mais poder proporcionar o sustento às famílias, muitos camponeses foram obrigados a vender as posses remanescentes e assim rumavam para a cidade ou para o campo em busca de trabalho, que em sua grande maioria era precário e mal pago. Paralelo a isso, estava ocorrendo no Brasil, uma transição do modelo escravocrata buscando-se uma nova forma de trabalho, que seria livre, mais rentável, e com interesses étnicos. De acordo com Caruso, o trabalho dos colonos seria mais rentável do que o trabalho escravo, pois com o custo necessário com a

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> CARUSO, Mariléa Martins Leal. *Imigrantes 1748 – 1900: viagens que descobriram Santa Catarina*. Tubarão: Ed. Unisul, 2007. p. 131.



compra de 100 escravos, seria possível contratar 1660 trabalhadores livres, além disso a mão-de-obra europeia era considerada mais qualificada que a escrava<sup>10</sup>.

A propaganda efetuada na Europa acerca do que era a América, e as promessas feitas a esses imigrantes que aqui chegaram, contribuíram para a vinda desses italianos para Brasil. A partir do Contrato Caetano Pinto (1877), estabeleceram-se as normas para o assentamento dos emigrantes, prometia-se, nos folhetos de propaganda, que assim que desembarcassem no Brasil, os imigrantes teriam passagem gratuita do porto até a residência que fora escolhida; receberiam terra, sementes e alimentos por seis meses e poderiam tornar-se proprietários legítimos das terras assim que provassem seu estabelecimento fixo<sup>11</sup>.

Outra motivação para esse movimento demográfico, de acordo com o italiano E. Sereni, citado por Alvim, e que é explorado por Caruso, vem do contexto social vivenciado na Europa, pois existe uma ideia falsa de uma incapacidade da Itália de fornecer trabalho para todo o povo, e também, a ideia de uma superpopulação; contudo percebe-se que não é a questão da falta de terras o fator principal para a emigração e nem as condições naturais, mas sim as complexas condições e relações sociais típicas do desenvolvimento capitalista, que se dão na agricultura e na economia da Itália, que devem ser entendidas como as responsáveis pelo fenômeno emigratório<sup>12</sup>.

Os lugares ocupados pela população de imigrantes que chegaram em Santa Catarina, basicamente eram os mesmos dos naufragos, dos exploradores e desterrados do século XV e XVI, nos portos, e às margens de baías e rios. No interior, no caminho rumo ao planalto, encontrava-se uma linha vazia e com pouco povoamento, era a antiga rota dos tropeiros, que passava por Lages e conectava o Rio Grande do Sul com São Paulo. O povoamento no Estado de Santa Catarina não se estendia a mais do que seis ou 10 quilômetros longe das praias ou das margens dos rios devido à pequena população, terrenos com pouca possibilidade de exploração, sem caminhos regulares e nos quais eram temidos os ataques dos indígenas. A historiadora Giralda Seyferth, citada por Mariléa Caruso ainda aponta que:

(...) “havia uma razão bem mais importante para concentrar grandes contingentes migratórios entre o planalto e o litoral do Rio Grande do Sul e

<sup>10</sup> Idem., p. 135.

<sup>11</sup> Idem., p. 134-136.

<sup>12</sup> ALVIM, Zuleika M. F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. apud CARUSO, Mariléa Martins Leal. *Imigrantes 1748 – 1900: viagens que descobriram Santa Catarina*. Tubarão: Ed. Unisul, 2007. pp. 132-134.



Santa Catarina. É evidente que não foram os imigrantes que deliberadamente escolheram essas regiões de floresta para colonizar. Havia uma razão estratégica para que o governo imperial destinasse essas áreas à colonização; era preciso abrir vias de comunicação entre o litoral e o planalto, e isso só seria viável acompanhando o vale dos principais rios. Segundo Waibel (1958, p.211-13), o que interessava ao governo brasileiro era estabelecer nas áreas de floresta das províncias meridionais colonos que fossem pequenos proprietários livres “que cultivassem as terras de mata com o auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado”. As primeiras colônias foram estabelecidas em pontos estratégicos entre o planalto e o litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina<sup>13</sup>.

Muitos migrantes descendentes de italianos que estiveram estabelecidos em colônias no Rio Grande do Sul, passaram a ocupar muitas terras rurais no Oeste catarinense nas primeiras décadas do século XX, momento em que essa parte do estado se abriu para o povoamento; esses lotes eram vendidos por empresas colonizadoras e eram direcionados à agricultura familiar. Com esse modelo de assentamento como norteador, houve a determinação da organização econômica e sociocultural do Oeste catarinense, principalmente entre nos os de 1920 e 1970 em que a “Revolução Verde” desenvolveu um novo modelo<sup>14</sup>.

O Oeste de Santa Catarina compreende grande parte do território do ex-contestado, que vai do Rio do Peixe até a divisa com a Argentina, e as divisas atuais com o Rio Grande do Sul e o Paraná. Essa região não teve a presença do homem branco por um longo período devido à presença de indígenas na região, principalmente os Kaingang e os Xokleng, que eram considerados mais arredios. Ainda houve neste local, problemas com divisas por parte da Argentina e do Paraná, mas a questão foi solucionada com a definição das divisas atuais em 1916. Juntamente a essas questões, o Oeste catarinense ainda se viu envolvido com a Guerra do Contestado, com a construção da ferrovia e a criação dos municípios de Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba, o que modificou a história regional<sup>15</sup>.

A abertura da fronteira agrícola para o Oeste se deu no momento em que as regiões, antes colonizadas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, passavam por problemas

<sup>13</sup> SEYFERTH, Giralda. *A colonização Alemã no vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974. apud CARUSO, op cit., p. 136.

<sup>14</sup> RADIN, José Carlos. “Migrantes Italianos e a Terra: A agricultura familiar no oeste catarinense”. In: RADIN, José Carlos (org.) *Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens*. Joaçaba: UNOESC, 2005. pp. 261-277.

<sup>15</sup> RADIN, José Carlos. “Migrantes Italianos e a Terra: A agricultura familiar no oeste catarinense”. In: RADIN, José Carlos (org.) *Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens*. Joaçaba: UNOESC, 2005. pp. 261-277.



demográficos, e as regiões do campo também estavam tomadas por fazendeiros, que detinham grandes latifúndios. Para muitas das famílias que praticavam agricultura familiar e enfrentavam essas situações, encontrar um terreno em que pudessem produzir era entendido como um sonho que garantiria a sobrevivência e a autonomia. Essa prática começou a ganhar espaço devido às primeiras experiências terem sido positivas, e pelo fato de os centros urbanos necessitarem de mais alimentos, fazendo com que os colonos continuassem a busca por novas terras<sup>16</sup>.

Havia uma diferença na forma com que as companhias colonizadoras e os colonos italianos e descendentes de italianos viam a terra, para as companhias as terras eram tidas como bens mercantis, já para os que migravam para o Oeste, a conquista da terra significava a realização de um sonho, que muitas vezes havia se realizado com muito sacrifício. Tendo seu lote conquistado, os imigrantes sabiam que se tratava de terras férteis, mesmo sendo muito íngremes, em alguns casos. A partir disso, por meio do trabalho de agricultura familiar, buscavam garantir principalmente sua subsistência<sup>17</sup>.

Até a década de 1970, antes dos efeitos da industrialização, do maior assentamento nas cidades, e da modernização da agricultura, o modelo da agricultura familiar esteve presente. No entanto, com a chegada da industrialização, a agricultura familiar passou por significativas transformações, como a “*revolução verde*”, que consiste na utilização de tecnologias de fundo industrial voltadas à agricultura, possibilitando assim a mecanização, a monocultura, a irrigação, e a inserção de adubos sintéticos e agrotóxicos. Devido a esse processo, com a modernização da agricultura e com a revolução verde, buscou-se a inserção da agricultura familiar no mercado capitalista, fazendo com que o agricultor que antes praticava uma agricultura de baixo custo, passasse a necessitar da indústria de fertilizantes, de sementes selecionadas, além de máquinas e de equipamentos, o que modificou a vida no campo e criou uma relação de dependência por parte do agricultor com essas indústrias<sup>18</sup>.

## **Cultura italiana na atualidade**

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> RADIN, José Carlos. “Migrantes Italianos e a Terra: A agricultura familiar no oeste catarinense”. In: RADIN, José Carlos (org.) *Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens*. Joaçaba: UNOESC, 2005. pp. 261-277.

Tendo em vista a extensa jornada geográfica percorrida pelos imigrantes, e a longa trajetória histórica da cultura italiana, não podemos ser ingênuos em acreditar que todos estes traços culturais não sofreram nenhuma alteração ou mudança de funções. Durante todo este processo sempre houveram transformações de acordo com o contexto vivido pelos construtores e mantenedores dessa cultura, que a utilizam de acordo com os seus interesses.

(...) a reconstrução dos grupos étnicos ocorre constantemente e a etnicidade está sendo (re)inventada, continuamente, em relação às realidades em que se apresentam e se modificam tanto dentro do próprio grupo como na sociedade anfitriã. Os limites dos grupos étnicos, por exemplo, precisam ser repetidamente negociados, e os símbolos e tradições étnicas precisam ser repetidamente reinterpretados. O conceito de invenção permite o aparecimento, a metamorfose, o desaparecimento e o reaparecimento das etnicidades (CONZEN et al., 1992, p. 5). É o fato de que uma “identidade étnica seja sempre de um modo criada ou inventada, não implica, por isso, que seja inautêntica ou que os autores que a reivindicam possam ser taxados (sic) de má-fé”<sup>19</sup>.

O Oeste Catarinense não foge da lógica aqui trabalhada, ou seja, durante todos esse percurso imigratório da Itália ao Rio Grande do Sul, e deste à Santa Catarina, a cultura que acompanhava esses imigrantes sofreu uma série de transformações com base nas condições naturais e sociais em que se encontrava. Dentre essas questões, pode-se perceber as adaptações que os imigrantes e descendentes tiveram que fazer de acordo com as condições encontradas no Brasil, isso é perceptível na questão alimentícia em um primeiro momento, mas também, na vestimenta, nas adaptações ao clima, nas condições da terra em que trabalhavam, considerada o principal recurso e garantia de sobrevivência. Em relação à alimentação na Europa e que foi trazida para o Brasil, podemos destacar:

(...) o camponês “era gente que em todo o ano só quatro ou cinco vezes, em dias de festa, come carne: seu alimento ordinário são batatas”. A grande popularidade da caçada de passarinho e a predileção, entre os pobres do norte da Itália pelo prato de *polenta e osei* – pasta de milho com passarinhos – explicam-se pelo fato de que as pequenas aves silvestres eram uma das poucas e escassas fontes de carne. Dessa tradição vem o gosto pela mesma caçada e pela passarinhada, entre os descendentes rio-grandenses dos primeiros imigrantes, tanto que a *polenta e osei* era, nos tempos da grande imigração, um dos refrãos cantados na zona colonial para marcar ponto nas

<sup>19</sup> NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed da UFSC, 2009. p. 109.



apostas: “*Cinque; in punto. Galina magra no fá unto. Sei polenta e osei...*” (p.71)<sup>20</sup>.

Como é mencionado na canção, possível pode ter sido a substituição dos pássaros silvestres pela galinha, mais facilmente encontrada no Brasil. Além disso, pode-se verificar que, essas práticas se modificaram também, de acordo com as migrações internas no Brasil, e também, na atualidade, pela impossibilidade da caça de animais silvestres, adaptações surgiram, como por exemplo, a troca dos passarinhos por salame, ou outros derivados de carne suína.

Perceptível é a tentativa, de muitos descendentes de imigrantes (dos mais variados lugares), de demonstrar, no caso dos ítalo-brasileiros, a ideia de uma cultura italiana que não sofreu nenhuma alteração e se mantém idêntica a praticada na Península Itálica, ou também, é utilizada a ideia de um resgate de práticas culturais seculares, dos antigos imigrantes que vieram para cá (muitas vezes extremamente fantasiosa).

### **A cidade de Ipumirim e a Festa da Cultura Italiana**

O município de Ipumirim está localizado no meio oeste catarinense, foi colonizado por italianos no início do século XX, sendo emancipado no ano de 1963, pois antes era pertencente ao município de Concórdia. Ipumirim, que conta com aproximadamente 7.400 habitantes, de acordo com o senso do IBGE do ano de 2009, têm como principais atividades econômicas a agropecuária e as indústrias madeireiras. A data festiva considerada como aniversário da cidade é 7 de abril, e a constituição étnica da cidade é composta por ítalos, germânicos, afrodescendentes e caboclos, sendo que os descendentes de italianos compõem a maior parte dos habitantes<sup>21</sup>.

A 25ª edição da Festa da Cultura Italiana da cidade de Ipumirim, localizada no meio Oeste de Santa Catarina em agosto de 2013, foi felicitada pela Prefeitura Municipal da cidade na página do município na internet, pela sua organização e sucesso. Citando o prefeito da

---

<sup>20</sup> AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos: os pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, Brasília: MEC Nacional Pró-Memória, 1982. apud CARUSO, Mariléa Martins Leal. *Imigrantes 1748 – 1900: viagens que descobriram Santa Catarina*. Tubarão: Ed. Unisul, 2007. p. 132.

<sup>21</sup> Disponível em: < <http://www.ipumirim.sc.gov.br/conteudo/?item=25121&fa=4665&cd=669&cc=476> > Acesso em 20 out. 2013.



cidade, Valdir Zanella, que foi colaborador do evento desde a sua criação, e faz parte também da Associação Italiana da cidade. Na felicitação é colocado: “Para ele, é fundamental o apoio às culturas, principalmente as que resgatam as origens do nosso povo colonizador. 'Como é bom ver esse encontro de famílias, ver pessoas de outras cidades e diferentes faixas etárias mantendo viva a nossa cultura', destaca”<sup>22</sup>.

O comentário acima descreve de forma bem clara, uma das visões mais comuns por parte dos descendentes, com relação às festas tidas como tradicionais, muitos descendentes veem esse tipo de festa como uma forma de “resgate das origens”. Para compreendermos melhor essas ideias descritas na citação, devemos antes analisar o sentido da palavra resgate: resgate, em um sentido literal, significa recuperar, puxar algo de algum lugar, exatamente como é<sup>23</sup>.

Ou seja, o uso deste termo é muito forte, principalmente quando utilizado acompanhado da palavra “origem”. Dando assim a ideia de que esta festa recupera do passado as práticas culturais dos imigrantes exatamente como elas são. A frase analisada ainda nos traz um trecho muito importante para ser compreendido que é: “o nosso povo colonizador”. Interessante é ver como é conectada a ideia da comunidade atual com os imigrantes “colonizadores” do passado, e é ainda mais interessante ver como é, esta visão dos antigos imigrantes, que é uma imagem romanceada e engradecedora de bravos colonizadores. Talvez agora seja mais fácil de compreender um pouco melhor do que foi colocado na citação acima, não existe somente a intenção de visar o lucro turístico ou ainda pior, a reconstrução artificial de uma história feita por interesses políticos ou sociais por parte dos organizadores em relação a função desta festa. Há também a tentativa política da legitimação dos costumes de uma identidade cultural, que se utilizou equivocadamente da palavra “resgate”, para definir o ato de reconstrução e recriação de costumes passados, praticados em terras brasileiras pelos imigrantes.

O importante a se destacar ainda concentra-se na organização da Festa da Cultura Italiana da cidade de Ipumirim, as festividades se realizam sempre no domingo, iniciando-se pela manhã, com uma missa rezada na Igreja Sagrada Família, a Igreja Católica Matriz da cidade. A missa é rezada em dialeto italiano<sup>24</sup>, com o objetivo de que os descendentes de italianos que habitam a cidade e que ainda praticam o italiano nas conversas em família

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.ipumirim.sc.gov.br/conteudo/?item=4660&fa=1&cd=176063>> Acesso em 20 out. 2013.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/resgate/>> Acesso em 20 out. 2013.



consigam entender o que o padre pronuncia, visto que muitos não têm o conhecimento do italiano oficial; é importante destacar também, que no culto religioso, há a presença do coral italiano da cidade, bem como de corais de outras cidades que vêm prestigiar o evento. Após a missa, o almoço é servido, constituindo-se de alimentos que compõem a culinária italiana, ou que são utilizados atualmente e entendidos como constituintes daquela cultura. Alguns exemplos informados a respeito da festa do ano de 2009 são: “Almoço típico (massa recheada com moranga, polenta recheada, macarronada, radiche cozido, carnes suína e de frango assados no espeto, salame assado no forno, omelete de carne de salame e omelete de queijo, pão e saladas diversas. Vinho e outras bebidas.)”<sup>25</sup>.

Chegada a tarde, iniciam-se apresentações de danças, com caracterização e vestimenta inspirada na cultura italiana, crianças, jovens, adultos e idosos participam das apresentações; além da dança de músicas italianas há também a representação da chegada dos imigrantes italianos ao Brasil e ao município, feito em grande maioria pelos idosos da cidade. Há também, à tarde, o *matinê* dançante com bandas locais e, na recente edição da festa (25<sup>a</sup>) de 2013, houve uma exposição artística da artista plástica ipumirinese Rosalina Bedin Bueno Beguizza, composta por um acervo de 60 telas que foram doados à Associação Italiana de Ipumirim, dada a morte da artista em maio de 2013.

As obras representam a vida cotidiana das famílias das áreas rurais da cidade e arredores, como por exemplo, a confecção do salame e do vinho, as rodas de conversa, as composições familiares, etc. Uma mostra de trabalhos de tricô, crochê e pintura também se deu nesta edição<sup>26</sup>. É importante destacar também, que na sexta-feira que antecede o domingo

---

<sup>24</sup> O *Talian* é uma variante da língua veneta, também é conhecido como Vêneto do Brasil, é um dialeto falado majoritariamente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Quando os imigrantes do século XIX chegaram no Brasil ainda não existia uma idioma italiano, ou seja, a comunicação era totalmente feita por dialetos. Claro que vieram diversos imigrantes de diferentes lugares da Itália, contudo, no caso do Sul mais da metade dos imigrantes eram de língua e de cultura Vêneto, por existir esta prevalência de vênets houve um processo de sobreposição na criação de uma língua mais geral baseada neste dialeto. A cidade de Ipumirim sediou, no dia 28 de agosto de 2013, a Conferência Livre do Talian, que é parte da Terceira Conferência Nacional da Cultura Italiana; o evento reuniu cerca de 50 pessoas e contou com a presença de pessoas de diferentes estados, a realização se deu na comunidade de Serrinha, pertencente ao município de Ipumirim, e a conversa perpassou vários temas, como língua, dança, canto, comidas típicas, esportes, produtos coloniais e festas comunitárias. As discussões efetuadas no evento serão encaminhadas para a Terceira Conferência Nacional de Cultura, que ocorrerá no mês de novembro de 2013 em Brasília. Disponível em: <<http://www.ipumirim.sc.gov.br/conteudo/?item=4660&fa=1&cd=179019>> Acesso em 20 out. 2013.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://italiacatarinense.com.br/?q=node/282>> Acesso em 20 out. 2012.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.ipumirim.sc.gov.br/conteudo/?item=4660&fa=1&cd=176063>> Acesso em 20 out. 2013.



de festa, à noite, há um Filó (jantar) Italiano, no qual comidas típicas também são vendidas, esta parcela da festividade já conta com a 14ª edição.

Por mais que a festa de Ipumirim seja uma das mais antigas, deve destacar que não é só naquele município em que ocorrem estas “festas tipicamente italianas”. No Oeste de Santa Catarina existem várias outras cidades que também fazem suas próprias festas italo-brasileiras. Algumas cidades do Oeste que podemos citar são: Ipumirim, com a “Festa Italiana de Ipumirim”, em sua 25ª edição; São Lorenzo do Oeste que também realiza a “Festa Italiana”, na 9ª edição; Chapecó com a “Festa da Colonização Italiana”, em sua 12ª edição; Palmitos tendo a “Festa da Cultura Italiana” na 18ª edição; entre outros municípios. Cada uma destas festas contem suas particularidades, ou seja, cada uma dessas cidades possuem seus próprios motivos para festejarem este tipo de evento, seja com caráter social, cultural, político ou econômico, no entanto, essas festas surtem na população a ideia de celebração de uma identidade, de uma matriz identitária que remete ao passado, mas que deve desaliar seu discurso da ideia de “resgate”, visto que este nunca poderá ser alcançado.

### **Considerações Finais**

Com este trabalho, buscamos identificar quais as representações, símbolos, ideias e discursos a respeito da cultura italiana estavam e estão sendo utilizados pelos imigrantes ou descendentes de imigrantes no Oeste de Santa Catarina. Tendo o Oeste, uma parte significativa de suas cidades povoada por italianos, constitui-se como pertinente, um estudo que vise os procedimentos da criação de uma identidade, bem como quais são os interesses e os objetivos com essa função. Levando-se em conta também, os interesses políticos do governo local, ou até mesmo de entidades estrangeiras, que visam a aproximação com os núcleos de descendentes imbuídos por diferentes interesses, bem como a própria questão turística ou a tentativa de perpetuação da cultura pelos descendentes e simpatizantes da cultura italiana. Com isso percebemos outro fato importante na presente pesquisa, que é a questão de que não devemos massificar as funções das festas tidas como “tradicionais” e que cada grupo de indivíduos agrega seus próprios valores simbólicos e funcionais a festa.

Deve-se destacar também a questão da migração para o Oeste de Santa Catarina como constituindo uma segunda imigração, visto que os italianos, já estabelecidos no Rio Grande do Sul, tiveram sua cultura adaptada às condições locais. Contudo, nesse processo, houve



contínuas readaptações, sejam por parte temporal, ou por fatores sociais, como um novo movimento migratório. Uma parte significativa destes imigrantes (agora juntamente com descendentes), rumaram para além das fronteiras gaúchas, chegando em Santa Catarina e por sua vez readaptando e reconstruindo a sua cultura.

Todas estas transformações culturais, só podem ser compreendidas se for levado em conta uma série de eventos políticos e sociais; no país; no estado; nas cidades, percebendo no local um cenário complexo, cheio de construções de valores (nos mais variados patamares da sociedade) sobre a cultura italiana, ao qual nos parece importante compreender, bem como problematizar as construções e os discursos envolvidos.

## Referências

CARUSO, Mariléa Martins Leal. *Imigrantes 1748 – 1900: viagens que descobriram Santa Catarina*. Tubarão: Ed. Unisul, 2007.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. (orgs.) *A invenção das Tradições*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed da UFSC, 2009..

RADIN, José Carlos. “Migrantes Italianos e a Terra: A agricultura familiar no oeste catarinense”. In: RADIN, José Carlos (org.) *Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens*. Joaçaba: UNOESC, 2005. pp. 261-277.

SEVERINO, José Roberto. “A italianidade nas comemorações do centenário da imigração italiana (1875-1975): algumas considerações”. In: *ANPUH – XXII Encontro Nacional de História*. João Pessoa, 2003. pp. 1-4.

## Links relacionados

Disponível em: <<http://www.ipumirim.sc.gov.br/conteudo/?item=4660&fa=1&cd=176063>>  
Acesso em 20 out. 2013.

Disponível em: <<http://italiacatarinense.com.br/?q=node/282>> Acesso em 20 out. 2012.

Disponível em: <<http://www.ipumirim.sc.gov.br/conteudo/?item=4660&fa=1&cd=179019>>  
Acesso em 20 out. 2013.

Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/resgate/>> Acesso em 20 out. 2013.



A (re)construção da italianidade: A Festa Italiana da cidade de Ipumirim – Alan de Hollanda Vieira Guerner e Talita Von Gilsa

Disponível em: <<http://www.ipumirim.sc.gov.br/conteudo/?item=25121&fa=4665&cd=669&cc=476>> Acesso em 20 out. 2013.

---

Recebido em 24 de novembro de 2013.

Aceito para a publicação em 25 de setembro de 2015.

